

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGOSTINHO, Santo. **O verbo de Deus, a própria verdade**. Tradução Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. **Confissões**. São Paulo: Paulinas, 1998.

ARENDT, H. **O conceito do amor em Santo Agostinho**. Tradução Nair de Assis Oliveira Lisboa: Instituto Piaget, 1978. (Coleção Pensamento e Filosofia)

BOEHNER, Philotheus; ETINNE Gilson. **História da Filosofia Cristã**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SECONDIN, Bruno; GOFFI, Iullo. **Curso de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1993.

SILVA, A. **Quadras inéditas: Obras de Agostinho da Silva**. Lisboa: Ulmeira, 1991.

_____. **Uns poemas de Agostinho: Obras de Agostinho da Silva**. Lisboa: Ulmeiro, 1974.

Revisado por

nossos pecados e Deus esta sempre do nosso lado nos amparando e insistindo na nossa conversão, pois o amor com que somos amados por ele supera nossa limitações.

Santo Agostinho não duvidava da presença de Deus em sua vida, mas sentia-se atraído por ele e desejava ser Cristão. Como qualquer outro ser humano havia nele a inclinação para o amor, o amor que ele veio encontrar em Deus através da fé, que vem do interior da alma, que é uma força maior que está dentro de cada um de nós. Por isso o amor é uma lei existencial, tem uma origem no mais íntimo de nosso ser e é uma resposta ao amor que brota do ser mesmo de Deus.

CONCLUSÃO

Pode-se afirmar que o amor em Agostinho segue uma ordem dinâmica e caracteriza-se por estar vinculado a uma existência de si e do outro e que se define entre diversas formas de união. O amor sempre nos leva ao outro a Deus e ao mundo. O amor de Deus é um amor puro, próprio, um amor de doação que tudo faz sem pedir nada em troca. Que seria da humanidade sem o amor! Pois o amor dá significado à existência humana. A própria oportunidade de existir é dada pelo amor supremo, e autor de todo amor: Deus.

Com base e análise da carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo 13, Agostinho refere o amor não como uma preocupação religiosa, mas também gnosiológica e ontológica.

O amor como lei existencial constitui-se num processo em que o existir feliz consiste em amar e ser amado na profundidade do ser. Como lei existencial, nos permite uma constante aprendizagem. Amar é descobrir o outro e descobrir-se além disso, todo nosso ser depende de Deus, principalmente a nossa existência. E a partir daí que o amor ganha reconhecimento do outro ser, abrindo caminho para amar. O amor como prolongamento de si mesmo e como transformação do outro é o grande salto para o encontro consigo mesmo e com a verdade suprema e o desejo de buscar a si mesmo.

O relacionamento no nível do amor ao outro como encontro de si mesmo leva a pensá-lo como relação entre almas, atingindo o seu equilíbrio e a moderação, graças à natureza da relação profunda que gera o amor sereno e o estado da alma do ser humano que possibilita a paz, o estar bem consigo mesmo e também com o outro.

A vida de Santo Agostinho e suas buscas são semelhantes às de todos nós, pois estamos sempre buscando a Deus e a perfeição, mas por sermos criaturas imperfeitas estamos susceptíveis de erro nessa busca, mas o importante é que sempre estamos pedindo perdão por

compreender que o sofrimento de Agostinho é em razão do fato de estar intimamente ligado ao ser humano, e a perda é um dado que o assusta. Isso se verifica quando ele perde um de seus amigos. Por isso nos referíamos a essa sua característica: um homem que amou profundamente. Quando ele se depara com essa realidade “tudo o que via era morte. A pátria era para mim um exílio, e a casa paterna, um estranho tormento” (AGOSTINHO, 1973, p. 76).

O sofrimento se dá porque na realidade humana não se consegue visualizar novos horizontes além do humano. Perder o ser amado é perder parte de si mesmo. E, ao mesmo tempo que é perder parte de si mesmo, é antecipar a dor de uma existência que se encerra no outro e em si mesmo. Essa dor se dá em virtude do conflito entre o ser que ama, que possui a força vital, e o ser amado, que se esvai. É basicamente o conflito de ganhar e perder, de viver e de morrer. É estar diante do paradoxo da existência humana. Desse modo, a única realidade que Agostinho conseguia vislumbrar era a de que tudo era morte e, nesse caso, quando se perde alguém que se ama, sente-se no exílio, o que significa dizer estar fora de si mesmo, solitário, num lugar desagradável de se habitar. E ter a dor metafísica da saudade, que pode ser definida como o vazio que precisa ser preenchido pela presença do outro que está ausente.

se houver uma intuição para lançar-se ao outro e a sensibilidade de percebê-lo. Nesse sentido, vai-se em busca daquilo que o completa, que o sacia, que o satisfaz. Esse movimento se dá no ir e vir recíprocos: o ser que ama vai ao encontro do ser amado e o ser amado vem ao encontro dele. O encontro se dá na exterioridade de cada um com a expressão do contentamento e da alegria que um proporciona ao outro e, ao retornar para dentro de si mesmo, é que ocorre a satisfação e, ao mesmo tempo, a vontade de se fundir na plenitude do ser amado e ser um só com ele. Nesse sentido, o amor significa uma comunhão de vida entre almas que trazem dentro de si a amplitude da generosidade, juntamente com o fulcro egoísta do amor que dá o sentido de pertença, tornando o ser que ama e o ser amado uma só coisa, sem que percam a sua identidade. Assim, "O amor é a mediação entre o que ama e aquilo que ama; o que ama nunca está isolado daquilo que ama, isso lhe pertence" (ARENDDT, 1978, p. 17).

Agostinho ama profundamente, porque, quando o faz, exterioriza a sua humanidade e a sua totalidade, pois acredita na humanidade do homem. Essa humanidade é encontrada quando ele se volta para o interior de si mesmo. O homem interior em Agostinho não é um homem mitigado, mas é o homem que transcende a si mesmo e vai ao encontro do outro. É no outro e para o outro que ele pode se expressar como ser que ama. Agostinho, porém, para atingir a humanidade e a totalidade do homem interior, se aniquila. Aniquilar é literalmente reduzir-se ao nada. Reduzir-se ao nada é deixar mostrar ao outro tal como somos, é transpor o limite intransponível de cada um, levando somente o essencial, o ser que busca o outro. Aniquilar-se aqui, não é num sentido de sadomasoquismo, mas é a busca da totalidade do outro, e, para que o "eu" possa fazer isso, é necessário que eu tenha o espaço vazio do nada. O nada aqui não é compreendido como a ausência do ser, mas caminho livre para a fruição do amor.

Fruir quer dizer estar na posse de, possuir, usufruir. Esse usufruir não é momentâneo, mas é entrar dentro de si mesmo, contemplar-se, é fazer com o outro a comunhão de alma. Portanto, aqui se consegue

pois quem ama não precisa culpar-se. No entanto, também é a partir dessa experiência de culpa que vamos conseguir compreender a sua dor metafísica. A evidência está quando perde aquela com quem vivera por quinze anos.

O amor como falta, movimentos e conhecimento

Notamos que a culpa de Agostinho é fruto da sua concupiscência. Embora isso seja mau por outro lado há uma inquietação que o impede a procurar outra mulher. Desse modo, devemos levar em consideração que o amor é falta, movimento e conhecimento. Falta neste contexto, significa privação de alguma coisa, carência. Se temos necessidade de algo, vamos buscá-lo para preencher aquela lacuna.

Verificamos em Agostinho esse desejo de encontrar alguém para preenchê-lo. Daí a sua busca insaciável pelo amor, porque tinha dentro de si carência, o desejo de preenchimento e o de encontrar a plenitude. No entanto, o desejo de plenitude não pode ser satisfeito quando o objeto que se ama é um ser semelhante a nós mesmos, portanto, mortal e finito, ou um outro objeto, ou ciência.

Segundo ARENDT (1978, p.17), o amor é movimento. Isso se confirma porque, quando se ama, se vai ao encontro do objeto desejado.

Todo o desejo está ligado a qualquer coisa determinado que deseja. E este objeto do desejo que antes de mais, fez nascer o desejo, estimulou-o, deu-lhe a sua direção. É determinado por aquilo que o determina, pelo que é predestinado ao seu fim.

O desejo estímulo, direciona a esse fim. Cabe à vontade escolhê-lo. Atingindo o fim, o amor, com seu caráter sedutor, envolve-o, portanto, o amor é um movimento de busca do outro para si. Quando se vai à procura de algo, é necessário colocar-se a caminho. Ninguém encontra algo se não o procura. Há uma intuição, o ser que busca o seu "outro eu" e a sensibilidade desse "eu" que responde a essa intuição. Nesse percurso de busca do outro para si, só há o encontro

Capítulo III

A CONCUPISCÊNCIA O DESVIRTUAMENTO DA VONTADE SOBRE O SER.

Esse desvirtuamento da vontade sobre o ser se dá pelo desmerecimento do valor do ser que é amado, isto é, o outro só é reconhecido enquanto pode proporcionar o prazer, o deleite a quem o ama. Não se ama o outro pela sua totalidade, mas por aquilo que ele pode oferecer, tornando-se uma relação de objetivação do outro.

A vontade é a capacidade de determinar a ação, em função da escolha que o homem possui diante do desejo que tem. Se escolheu o bem, possui uma vontade ordenada. Entretanto em Agostinho, antes de se converter, ocorre uma descaracterização do desejo de prazer no seu sentido específico, incorrendo na concupiscência, o desvirtuamento da vontade sobre o ser.

A concupiscência e o caráter exagerado de prazer que degrada o ser a que ama e o ser amado. Ela é a decorrência da ambigüidade do ser, ou seja, o ser objetifica e torna-se objeto. Em outras palavras: objetifica, porque faz do outro objeto de prazer e torna-se objeto do amor "*amor cupiditas*", da vontade própria.

No entanto, a concupiscência só é superada pelo próprio amor:

Só o amor tem a possibilidade de renunciar à vontade própria, e esta renúncia que nasce do amor é a condição para se apoderar da graça. É por isso que ela é, face a vontade que está naturalmente em nós, a vontade mais poderosa. Somente o amor tem a capacidade de fortalecer a vontade e atingir a graça da superação da objetivação de si mesmo e também do outro (AGOSTINHO apud ARENDT, 1978, p. 112).

Notamos em Agostinho a manifestação de uma culpa interior, fruto de suas experiências amorosas. Parece paradoxal essa visão,

O bom uso da alma racional está no fato de ela escolher o ser, o existir e o bem e, em razão da existência, amar profundamente o ser e o bem. Assim, o amor é uma lei existencial para Agostinho, porque entre as criaturas o amor só pode existir no ser humano, pois somente este o comporta, e é o amor que conduz o ser humano para uma vida autêntica, fazendo-o escolher o bem e praticar a justiça. Portanto, amar é reconhecer a existência do outro e dar oportunidade a ele de ser, expressando-se tal como é. É a partir daí que o amor ganha estatuto ontológico, vinculado à existência humana.

Desse modo quando o homem não desenvolve tal potencialidade, há um não reconhecimento do outro ser, abrindo caminho para a prática do mal contra o ser da mesma espécie, a concupiscência.

felicidade. Na realidade era esse o grande desejo de Agostinho. Ele foi um homem que expressou a sua totalidade amorosa. Nesse sentido, verifica-se que o amor, nessa dimensão humana, presente no seu pensamento, representa aquilo que é real no ser humano, o desejo, o gosto pelo prazer do encontro. Em princípio, não um prazer pessoal, mas como tendência do ser humano, que também, é vontade. Se o amor é o motor íntimo da vontade e a vontade é o homem, terá que concluir que o amor é algo essencial no homem.

Um ser capaz de amar tende forçosamente, quer ao bem, quer ao mal. É visto que o amor é uma atividade decorrente do próprio ser humano, ele não pode deixar de ser algo de apreciável. Donde se segue que tudo quanto se faz por amor se faz com prazer. O amor é alegria ontológica mais profunda. Ele não pode deixar de atuar, até mesmo na ausência do seu objeto. Neste caso ele visa ao ignoto e ao distante; torna-se uma espécie de nostalgia ou saudade do amor. Tem-se amor ao próprio amor (BOEHNER; ETIENNE, 1995, p. 189).

O caminho da felicidade segundo Santo Agostinho é o amor, que se apresenta como força que faz mover a vontade. E esta força que faz mover a realização da ordem moral, o amor, termina na caridade. A vontade encontra sua força orientada, na liberdade. Segundo ele, todas as afeições e sentimentos da alma são manifestações da vontade.

Agostinho ama duas coisas: os amigos e a alma racional. A alma racional é a capacidade cognoscitiva do homem que lhe dá a oportunidade de escolher entre um bem inferior (apegar-se ao mundo) e um bem superior (Deus e o homem). Ora, amar os amigos é amar a existência do outro, isto é, são duas existências que se amam. Ora, essas duas existências se completam pelo processo da amizade que se dá na busca-encontro do outro na profundidade do ser de cada um, e por isso se amam. Para ele, o amor é ser supremo que nos amou primeiro e, ao se fazer existência, é capaz de amar a existência do outro e mais, amar também a virtude do bom uso da alma racional. Portanto, para Agostinho seria uma insensatez querer apartar do homem o seu amor (BOEHNER; ETIENNE, 1995, p. 189).

É o amor justo que vai arrancar Agostinho da perversão e lançá-lo ao encontro com o outro absoluto. Apoiado no pensamento de São Paulo, de que o amor aperfeiçoa a existência, o que se pode notar nos atributos que ele dá a caridade o que também é seguido por Agostinho, que introduz um elemento novo, e este da sentido à existência pessoal, buscando resgatar o valor de ser humano como ser além de existente, pensante. Assim ele afirma:

São seres humanos e eu os amo, não por serem animais, mas por serem humanos isto é, pelo fato de terem almas racionais as quais eu amo mesmo nos ladrões. Pois posso amar a razão em alguém, embora de direito ter aversão àquele que usa mal aquilo que ama. De modo que mais amo os meus amigos, quanto melhor eles usam a alma racional, ou quanto desejam fazer bom uso dela (AGOSTINHO 1998, p. 22).

“Assim, a realização do amor é a ausência de medo” (ARENDDT, 1978, p. 39), isto é, o amor deixa de ser ameaça quando há o encontro do olhar profundo da e na alma, que permite ao homem a descoberta e a realização antropológicas, que implicam conhecimentos de si e do outro. Ao mesmo tempo que o amor é conhecimento, torna-se amor ao conhecimento, pois, quando se ama, quer-se conhecer cada vez mais o ser amado. É um desejo que leva cada vez mais ao ser amado. É um desejo que se torna cada vez mais intransponível, que se evidencia pela busca do outro e o encontro de si mesmo presente no outro.

O amor não só não perde nada, mas é acrescido em elevadíssimo grau, pois, ao ver aquela beleza singular e verdadeira amar, ainda mais. E não poderá permanecer nessa felicíssima visão senão fixando os olhos com grande amor e não desviando jamais o olhar (AGOSTINHO, 1998, p. 32).

Quando se ama, há um sentido de pertença ao outro, e vice-versa. Não em um sentido egocêntrico de querer o outro para si, fazendo dele uma posse, mas uma parte do “ser eu” e, por ser parte desse “ser eu”, dá-se o querer bem ao outro e, conseqüentemente, a

CAPÍTULO II

A AMOR COMO LEI EXISTENCIAL

Segundo Agostinho (1987) o amor se configura como lei existencial, capaz de impulsionar e direcionar a bom termo a existência-humana-no-mundo. Quando Paulo afirma em sua carta que “a caridade jamais passará” (1Cor 13,8) isso significa que ela se inclui na categoria axiológica da existência humana, isto é, a caridade faz parte do ser humano e ocupa uma hierarquia. O próprio Apóstolo a coloca acima de outras virtudes – “a maior delas é a caridade” (v. 13) – porque é valor que comporta a solicitude, a paciência, a benevolência, a justiça e o bem, virtudes humanas que se constituem valores no ser humano e para ele. Não é algo fugaz, mas existente; é capaz de transcender o próprio tempo “jamais passará”. Ao afirmar que a caridade jamais passará, ele a coloca na dimensão da eternidade e inerente ao existir humano.

Agostinho (1987) coloca a caridade como amor-justo, em contraposição ao falso amor que prende ao mundo: a este falso amor que prende ao mundo e que, por esse motivo se constitui mundano como tal, Santo Agostinho chama de cobiça (*cupiditas*) e ao amor justo que aspira à eternidade e ao futuro absoluto, caridade (*caritas*). É o amor-justo que se caracteriza como lei existencial, projetando o homem para a eternidade, porque a caridade tende à eternidade. E é nesse projetar que o homem é lançado para além-do-mundo terrestre, mas para o existir que jamais cessará, na eternidade. Santo Agostinho se apóia no texto paulino que afirma a existência humana projetada por Deus para permanecer com ele, vencendo a morte como limite e contempla o amor (*caritas*) inerente a Deus e ao ser humano, pois subsistirá no homem após a morte, assim como subsiste sempre em Deus. (AGOSTINHO, 1987)

O amor a uma pessoa é diferente do amor a uma simples coisa. Amamos as coisas em atenção a nossa própria pessoa, a cujo serviço elas perdem sua existência, como sucede com uma iguaria apetitosa e que pode ser consumida. O amor puro, sincero e generoso a um ser pessoal, ao contrário, visa a pessoa como tal, e em si mesma. O que não quer dizer que a caridade não atende também ao seu próprio bem. Portanto, entre o amor de homem e o amor de Deus existe algo comum que é o amor ao bem. O verdadeiro amor sempre terá por objeto o ser e o bem, e Deus é o sumo bem e o amor por excelência.

Segundo Agostinho (apud ARENDT, 1978), para se conseguir e preservar a paz, a sociedade humana depende da obediência a algumas normas que são: não fazer mal a ninguém e socorrer a todos os que têm necessidades. Assim torna-se necessário que todo indivíduo conquiste a sua paz, e que a preserve, mantendo sempre a ordem. Que cuide de si e do próximo. A paz também será encontrada no encontro com Deus diz Agostinho (1987). E esta paz é o amor mais puro que vem de Deus que o ser humano precisa para viver bem.

outro. Desse modo, a caridade se caracteriza por ser uma existência para si e para o outro.

Se ela não superar a existência para si, torna-se egoísmo. Ela ganha sentido quando se torna existência para além de si, tornando-se existência no outro e para o outro.

Em Santo Agostinho, a alma vive numa perene tensão para o amor de caridade, que tem Deus como seu objeto específico. "O amor vence tudo e abrange a piedade que é o amor de Deus"(SECONDIN; GOFFI, 1993, p. 118). Assim, não seria bom separar o homem do seu amor. Pois se há algum problema, não é com o amor nem com a necessidade de amar, mas, com o objeto do amor ao semelhante, o amor permanece idêntico em sua essência, quer se dirija a Deus quer ao próximo, uma vez que, com o mesmo amor com que amamos o próximo, amamos também a Deus, contudo, o amor ao próximo tende a aumentar o amor a Deus, no âmbito do mistério da Igreja que é corpo místico de Cristo.

4 O AMOR COMO PRINCÍPIO DE JUSTIÇA.

O começo do amor é o começo da justiça, do progresso na justiça, "a perfeição do amor é a perfeição da justiça"(SECONDIN; GOFFI, 1993, p. 191). Quanto à caridade, percebe-se que ela não é apenas o coração da moralidade, ela é a própria vida moral. A caridade deve dominar a vida moral. O amor inicia-se na justiça. A alma da caridade é o querer bem, a bondade, e não a vontade de prestar benefícios. No exercício da caridade a pessoa humana nunca deixa de querer também o seu próprio bem, sendo de sua natureza aspirar a igualdade, mas a igualdade seria confundida se nos sacrificamos totalmente ao objeto do nosso amor. Todo amor interpessoal reclama reciprocidade. Aquele que ama exprime o seu amor em comunhão de vida entre duas almas. Só assim se explica aquela mistura singular de egoísmo e generosidade, tão características do amor.

*Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos,
ainda que entregasse o meu corpo às chamas,
se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria.
A caridade é paciente, a caridade é prestativa,
não é invejosa, não se ostenta,
não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse,
não se alegra com a injustiça,
mas se regozija com a verdade.
Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.
A caridade jamais passará (...).
Agora, portanto, permanecem
a fé, a esperança e a caridade, estas três coisas.
A maior delas porém é a caridade (1Cor 12, 1-13).*

A influência paulina no pensamento de Agostinho: Em Confissões, encontramos vestígios do texto Paulino supracitado, por exemplo, “a caridade tudo crê”.(ARENDDT, 1978)

Poderíamos, conforme Paulo, realizar todos os “atos de bondade” para com o outro, entretanto, se esses não estiverem vinculados ao amor, são vazios, não têm significado. Portanto é o amor que faz o existente ser autenticamente e valorizar a sua existência, bem como a do outro.

O Apóstolo Paulo, ao se referir ao amor, na carta aos Coríntios, não tinha somente uma preocupação religiosa, mas também gnosiológica e ontológica. Paulo qualifica assim a caridade: é “prestativa” não é “invejosa”. Observamos, desse modo, uma ontologização da caridade, ou seja, ele parece dar a ela uma conotação de pessoa, pois a paciência, a inveja, o orgulho, a irritação o rancor, a justiça e a injustiça são elementos presentes no ser humano e não na caridade. Não podemos visualizar a caridade, mas podemos ver os atos de caridade presentes na existência de uma pessoa. São eles que vão fazer com que ela expresse a sua totalidade amorosa no

abrange e envolve, constituindo uma relação de reciprocidade entre o amor e o ser. Segundo Arendt, (1978, p. 77): “O ser é a totalidade que envolve e abrange o amor”. O amor, por sua vez, tem a capacidade de envolver o ser e tornar-se ser com ele. Todo o nosso ser depende de Deus. A nossa existência, de sua eternidade, nosso conhecimento das razões eternas, de sua sabedoria e a nossa vida moral do seu amor. Conforme Agostinho, o amor define a existência autêntica do homem, pois quem ama valoriza a existência de si próprio e do outro. Logo o amor depende substancialmente da existência.

É necessário para melhor compreensão dos posicionamentos de Agostinho sobre o amor que remontemos às pessoas e doutrinas que o influenciaram. Sabemos, por exemplo, que ele teve profunda influência de Platão de Plotino, como também do Apóstolo Paulo.

O pensamento de Agostinho, por mais que seja efetivamente religioso, e não seja determinado por influências gregas e neo-platônicas, o é, no entanto, pelo pensamento de São Paulo, como o próprio Santo Agostinho reconhece na obra Confissões (ARENDR, 1978, p. 8). Portanto, para compreendermos o amor como lei existencial vamos tomar como base a análise da carta de São Paulo aos Coríntios¹ (capítulo 13) em que ele faz um elogio ao amor:

*Ainda que eu falasse línguas,
as dos homens e as dos anjos,
se eu não tivesse a caridade,
seria como um bronze que soa
ou como um símbolo que tine.
Ainda que eu tivesse o dom da profecia,
o conhecimento de todos os mistérios
e de todas as ciências,
ainda que tivesse toda a fé,
a ponto de transportar os montes,
se eu não tivesse a caridade, eu nada seria.*

¹ Trata-se da 1ª carta do Apóstolo aos cristãos da cidade de Corinto, na Grécia, escrita por volta do ano 54.

ao orgulho, à vaidade e ao espírito de domínio; quando insuficiente, ou medíocre, tende a aceitar a humilhação, perder a dignidade. O amor-próprio é instrumento útil, mas perigoso, amiúde fere a mão que dele se serve, e raramente faz bem sem fazer mal.

Amados por Deus, podemos amar.

3 O AMOR NÃO HABITA O INEXISTENTE

Segundo Agostinho (1987), ninguém pode existir sem amar. No entanto, ele faz uma interrogação: amar o quê? Desse modo, verifica-se que amar implica escolha. Ora, se o amor não habita o inexistente, logo a escolha em que o ser humano não tivesse amor ao mundo e a sua existência, o levaria a não lutar com o fenômeno da morte. Nesse confronto, até o ser humano mais covarde existente sobre a terra, capaz de extirpar a vida de outrem, luta para salvaguardar a vida de si mesmo.

Mesmo que o ser humano fosse gerado sem o amor humano, ou seja, dos seus pais, ele não seria excluído do amor divino, pois, pelo ato de amor supremo, Deus permite gerar, mesmo na ausência do amor dos genitores. Assim, o amor dá significado à existência humana, porque permite ao ser humano habitar o mundo. Essa oportunidade de existir é dada pelo amor supremo, Deus. Em outras palavras, tudo que existe é fruto de um ato de bondade suprema do criador. Ora, somente consegue ser bom aquele que ama. Diante disso, o amor de Deus pelo ser humano e pelo mundo garante a existência do amor e o faz ser uma lei existencial. Desse modo, criatura alguma é auto-suficiente, quer para existir, para conhecer ou para viver.

Para Agostinho (apud ARENDT, 1978, p. 94), O amor é uma lei existencial porque existe e habita o ser humano; “ninguém poderá existir sem amar”... Não é uma existência simplesmente jogada no mundo, porque é o amor que dá significado ao próprio ser e existir. A escolha do objeto do amor é o ser, e existir, que é tudo aquilo que o

A passagem da paixão para o amor é feita por meio de provas, algumas cruciais, às quais nos submetemos em relação ao outro. Se as provas forem superadas, a paixão vai se revestindo de certeza e o amor passa a preencher os espaços do cotidiano, em que nos preocupamos com o outro, assumimos certas tarefas para o seu bem-estar, dedicamo-nos à realização de projetos comuns.

A prova a que nos submetemos é a prova da verdade: queremos saber se estamos mesmo apaixonados, ou se podemos nos distanciar e dar a paixão por encerrada. É a própria força dos nossos sentimentos que nos impede a resistir, a crer que nos enganamos e que estaremos bem sem o outro. Já nos inebriamos agora queremos paz. Basta, entretanto, pouco tempo de separação para que sintamos o renascer da paixão, do encantamento, da necessidade e do desejo de estar com o outro. Nesse caso, a prova foi superada.

A prova que diz respeito ao outro é a prova da reciprocidade. Ao mesmo tempo em que reorganizamos toda a nossa vida ao redor do ser amado, desejamos que ele também esteja disposto a se reorganizar, fazendo de nós o centro de todos os seus interesses. Os dois lados fazem renúncias em nome de um projeto comum. Ambos modificam seus planos e aceitam entrar no projeto do outro. Há, contudo, casos em que não podemos renunciar a alguma parte de nosso projeto sem renunciar, também, àquilo que somos, ao próprio sentido de nossas vidas e do amor (ABBAGNANO, 1988, p. 38-50)

Amor-próprio – O amor-próprio é o que diz respeito a si mesmo, voltado para si mesmo, para sua própria dignidade. A vida de relação alargando-se na profundidade e variedade de suas conquistas vai modificando progressivamente nosso psiquismo e, com isso, as modalidades da nossa conduta. Mas a conduta não se restringe apenas ao nosso modo de agir, engloba a atividade integral do nosso espírito, ela é regulada pelas condições, necessidades e conveniências da coletividade. A essa atividade integral também damos a designação de sentimento moral, que se traduz por um elevado amor próprio e é a base de um grande número de nossos atos, quando exagerado tende

2 O AMOR SEMPRE NOS LEVA AO OUTRO

O amor é o sentimento de inclinação ou atração que liga os seres humanos uns aos outros, a Deus e ao mundo. Na convivência entre família diz-se que o amor pode ser familiar fraterno, filial, materno, paterno; temos também o amor à pátria, às grandes causas ou grandes princípios, como o amor à verdade ou à honestidade; o amor a Deus é também chamado de amor puro; há ainda o amor-próprio traduzido em sentimento de dignidade pessoal e respeito a si mesmo.

Podemos ainda distinguir o amor objetivo e o amor possessivo. O primeiro é o amor de doação, que tudo faz pelo bem do objeto amado, sem pedir nada em troca, como o que Madre Tereza de Calcutá ou Irmã Dulce, de Salvador-BA, tinham pelos pobres e desamparados. Ao contrário, o amor possessivo e egoísta é o que deseja tudo receber, sem necessariamente, dar na mesma medida.

As teorias sobre o amor propostas pelos filósofos ao longo do tempo, tendem a agrupar-se ao redor de duas posições fundamentais.

- O amor como troca recíproca entre dois seres que preservam a individualidade e a autonomia. A troca recíproca, emotivamente controlada, de atenções e cuidados tem por finalidade o bem do outro como se fosse o seu próprio. Na forma feliz desse tipo de amor, há reciprocidade, há união, mas não unidade.

Aquí vamos considerar só um tipo de amor, a relação eletiva e seletiva de troca recíproca entre duas pessoas que se sentem sexualmente atraídas e desejam a intimidade de corpos e almas.

Às vezes, em continuação à paixão, ou independentemente dela, surge o amor. O amor é um sentimento de tranquilidade, de ternura, de reconhecimento das boas qualidades do outro e de aceitação de seu modo de ser, inclusive do que podemos considerar "defeitos". Nesse sentido, o amor se assemelha à amizade e se distingue da simples atração física, do sexo impessoal que não envolve afeto. Dura mais que a paixão porque se desenvolve fora das situações extraordinárias, dentro dos limites da vida cotidiana, que é o seu espaço.

Capítulo I

O AMOR

1 VÁRIAS CONCEPÇÕES DE AMOR

Amor. O termo amor é empregado para designar atividades, ou o efeito de atividades muito diversas: o amor é visto, segundo as circunstâncias, como uma inclinação, como um afeto, um apetite, uma paixão, uma aspiração etc. É visto também como uma qualidade uma propriedade uma relação. Fala-se de formas de amor muito diferentes: amor físico ou sexual, amor maternal, amor como amizade, amor ao mundo, amor a Deus, etc. Chega-se a introduzir variantes até numa espécie determinada de amor.

No amor somos atingidos por um poder que nos absolve e nos amplia, e atravessa as muralhas do corpo. Quando encontramos, pela vida, milhares de pessoas, dessas posso desejar centenas, mas dessas centenas amo apenas uma, por outro lado, sem a experiência do amor, nos é difícil entender as diversas formas de união, exercitadas com a mediação do corpo. Muitas vezes, de fato, no esquecimento do amor, eliminamos o corpo na união com o divino, separamo-lo da alma e opomos a carne ao espírito. Na experiência do amor, a corporeidade humana tem papel preponderante, mesmo na mais envolvente e sublime, no testemunho dos místicos, que é a forma religiosa da união com o divino. Na união com o divino, há a responsabilidade, a ternura e a alegria de uma nova vida, um renascer, uma nova criação. Que seria da humanidade sem o amor! Este por certo não é visível, mas está no coração e aparece radiante no rosto de todo o visível.

pena conhecer também a importância que o seu pensamento teve no mundo antigo e tem até nossos dias, não só nos meios cristãos.

Agostinho viveu entre dois momentos importantes da história, o da antiguidade greco-romana e o do advento da Idade média com a crise e a queda do Império Romano do Ocidente. Podemos conhecer a grandeza do seu pensamento pela sua brilhante produção literária e filosófica, que fala da grandiosidade do seu pensamento e da importância que teve e continua tendo na História da filosofia, sobretudo para a tentativa dos cristãos em explicar as verdades da bíblia com o auxílio das correntes filosóficas dos primeiros tempos do cristianismo.

modo como proceder face às dificuldades que as Escrituras apresentam.

A Bíblia permeará, portanto, todos os escritos de Agostinho, a Bíblia compreendida por ele como animada pelo Espírito, constituindo um corpo vivo, unificado coerente, carregada de significações sacramentais que elevam a Deus e dele falam, mesmo nas páginas aparentemente de menor importância.

O amor humano, porém, é ainda algo de provisório; na verdade, ele é como que continuação participação e prolongamento de um outro amor, o amor de Deus, que desde o princípio profere a frase criadora por excelência: *é bom que existas!*

Amados por Deus, podemos amar O amor humano, em Agostinho

Analisando algumas obras em Agostinho percebemos que o amor é uma lei existencial. Aquele que ama expressa a sua totalidade amorosa no outro, no respeitar-se mutuamente, cada um assume o outro como prolongamento de si mesmo. É infeliz para Agostinho, o homem que não ama ou que, graças às fraquezas humanas, não consegue amar de forma ordenada. O ser humano é capaz de se regenerar e recomeçar novamente a amar, pois não se gasta a si mesmo, necessita do outro; se quer amar, tem que se movimentar ou seja, sair de si e ir ao encontro do outro, para isso precisa conhecer a si mesmo, conhecer o outro e dar-se a conhecer.

O amor do ponto de vista cristão é um tema sempre fascinante e que faz bem à alma. Pensar sobre o amor é uma atividade natural, é necessário, porém. Experimentá-lo, pois ele é mais que uma idéia, é o motor que move a existência humana. Os posicionamentos de Agostinho ajudaram a adentrar na realidade do amor como uma dimensão muito humana, como condição *sine qua non* da existência humana. É deveras interessante a visão de Agostinho, por isso vale a

Embora seja descrito como um jovem ponderado dedicado aos livros, ele confessa que amar e ser amado era uma coisa deliciosa. Ele passou a viver com uma mulher a quem foi fiel, tendo se tornado pai em 373, com apenas 19 anos. Seu filho, de nome Adeodato, no entanto, morreu aos 17 anos. Agostinho desejava se destacar na eloquência, confessa, por orgulho. Desejava ser o melhor. E um livro de Cícero o alerta que a verdadeira felicidade reside na busca da sabedoria.

Santo Agostinho não é um tradicionalista puro e simples, mas refere-se sempre à autoridade da fé como elemento essencial para compreender Deus. Mantém-se como uma das maiores figuras da história humana e da história do pensamento, que não pode escapar da sua teoria e interpretação.

Ao descobrir-se a si próprio, o homem, descobre Deus. Mas por que o homem deseja descobrir-se a si mesmo e, conseqüentemente a Deus? Há essa necessidade? Provavelmente porque é uma aspiração de todo o ser criado, a contemplação das verdades eternas, de Deus como amor subsistente. Porque a alma está, então, sob a influência permanente de Deus, luz inteligível para todos os espíritos criados. Nota-se aqui a presença da célebre teoria da iluminação divina que acabaria por exercer uma grande influência ao longo da Idade Média.

No início de seus *Solilóquios* Agostinho declara claramente o desejo de conhecer Deus e a alma, em que não há duas investigações paralelas, mas uma implica a outra como já foi referido. A verdade é Deus. Este se vislumbra como o princípio fundamental da teologia agostiniana. Justamente enquanto o homem procura Deus na interioridade da sua consciência, Deus para ele é verdade. Neste quadro as Escrituras desempenham um papel determinante no pensamento de Santo Agostinho como um meio de mediação entre o homem e Deus, como um recurso para se conhecer e amar a Deus como ele é, a suprema verdade. Dessa iluminação e mediação das Escrituras surge o *De Doctrina Christiana*, justamente para aclarar o

Em Agostinho percebemos que o amor é uma lei existencial. Aquele que ama expressa a sua totalidade amorosa no outro, no respeito mútuo cada um assume o outro como prolongamento de si mesmo. É infeliz para Agostinho, o homem que não ama, ou que graças às fraquezas humanas não consegue amar de forma ordenada. O ser humano é capaz de se regenerar e recomeçar novamente a amar, pois não se basta a si mesmo, necessita do outro, uma vez que, se quer amar, tem que se movimentar para fora, ou seja, sair de si, e ir ao encontro do outro, conhecer-se e dar-se a conhecer. O amor, assim visto, como lei da existência humana, como necessidade e condição para uma vida feliz, provocou o interesse em pesquisar e conhecer melhor o amor no pensamento de Agostinho, pois é um tema que a todos incomoda e faz bem. Pensar sobre o amor é uma atividade natural, é necessário praticá-lo, por isso vale a pena aprofundar o pensamento de Agostinho sobre o tema, compreendendo os seus ensinamentos sobre o amor humano como dádiva de Deus, buscando as contribuições para entender melhor o seu significado, distinguindo o amor-caridade de outras modalidades do amor. Claro, sempre de olho no contexto histórico que Agostinho escreveu.

Santo Agostinho

Aurélio Agostinho nasceu a 13 de novembro de 354, em Tagaste, pequena cidade africana na região da atual Argélia.

Na cidade natal transcorreram sua infância e juventude, um ambiente limitado de um povoado perdido entre montanhas, propício para quem tem gosto pela leitura. Talhado para a oratória, ele lê e decora trechos de poetas e prosadores latinos. Aprende elementos de música, física e matemática. Em Cartago, ainda na África, fez seus estudos superiores e ali também entrou em contato com a alegria e o esplendor das cerimônias em honra aos deuses protetores do Império Romano.

INTRODUÇÃO

Pretende esta monografia explorar a dimensão do amor humano, pensada por Santo Agostinho. A intenção é demonstrar a profundidade do amor com base na óptica de Agostinho, além disso, verificar a importância que o seu pensamento teve no mundo antigo, Agostinho viveu entre dois mundos, o da antiguidade greco-romana e o do advento da Idade Média que teve como antecedentes a crise e a queda do Império Romano no Ocidente. Chama a atenção o brilhantismo de Agostinho pela sua produção literária e filosófica em que revela seu profundo senso de humanidade, o que sugere a grandiosidade do seu pensamento e a importância que teve e continua tendo para a história da filosofia, sobretudo para a filosofia a que chamamos cristã.

Com o propósito de adentrar o pensamento de Agostinho sobre o amor foi tomado como referencial teórico para o presente estudo as suas obras *Confissões* e *O Verbo de Deus*. Tendo em vista que na obra *Confissão* Santo Agostinho faz uma revisão de sua vida, considerando-a um caminhar ao encontro de Deus que o conduziu por seu amor. De fato a verdade para Santo Agostinho, coincide com o próprio Deus, que ele contempla como a verdade suprema. Daí a filosofia ser, para ele, desejo de amar, perscrutar, conhecer e abraçar a verdade, pois, na sua visão, por intermédio dela se chega a Deus, a verdade plena. Santo Agostinho trata da verdade como caminho para Deus em sua obra *O Verbo de Deus*.

Na visão de Santo Agostinho o amor não só não perde nada na busca da contemplação da verdade, mas é acrescido em elevadíssimo grau em sua própria natureza, pois a pessoa humana ao contemplar aquela beleza singular e verdadeira que é Deus amará, ainda mais, e não poderá permanecer nessa felicíssima visão senão fixando nela os olhos com grande amor e não desviando jamais o olhar. Os ensinamentos aqui considerados são também trabalhados na obra de Agostinho *Vida feliz*.

RESUMO

Segundo Santo Agostinho, o amor define a existência do ser humano e do outro, seu semelhante. O amor é algo que ultrapassa os limites do conhecimento humano, pois o amor é algo tão sublime e tão caro que é o único elo capaz de ligar ao outro absoluto e a tornar o ser humano semelhante a Ele. É ele (o amor) que sempre resgata o homem para valores fundamentais como o ser, o existir e o bem. Por isso o amor é uma lei existencial, e se identifica com todas as pessoas cada qual no seu modo de ser.

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo I	
O amor	
1 Várias concepções de amor.....	13
2 O amor sempre nos leva ao outro.....	14
3 O amor não habita o inexistente.....	16
4 O amor como princípio de justiça.....	19
Capítulo II	
O amor como lei existencial.....	21
Capítulo III	
A concupiscência: O desvirtuamento da vontade sobre o ser.....	25
O amor como falta, movimentos e conhecimento.....	26
Conclusão.....	29
Referências Bibliográficas.....	31

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, por ter permitido a concretização de mais um sonho iluminando-me, amparando-me e me animando nas horas mais difíceis.

Aos meus filhos, meu esposo, meus pais, irmãos e amigos que me apoiaram, e sempre torceram pelo meu sucesso. Aos professores que nos incentivaram desde o início do curso e nos transmitindo conhecimento. Aos coordenadores do curso e ao meu orientador que paciente mostrou-se um grande amigo transmitindo-me segurança para terminar este trabalho monográfico.

Dedicatória

Dedico esse momento importante da minha vida, a todos aqueles que sempre me motivaram em todos os aspectos da minha vida, valorizando meu trabalho o meu esforço em todos os âmbitos aos profissionais que me serviram de exemplo tanto como orientadores como amigos, que muito me auxiliaram com seus conhecimentos técnicos e vivenciais.

FOLHA DE APROVAÇÃO

AMADOS POR DEUS PODEMOS AMAR

O AMOR SEGUNDO SANTO AGOSTINHO

Elaborada pela acadêmica ROSILENE PATRÍCIA BESSA foi apresentado aos ___/___/_____, obtendo a nota_____

Ms. Pe. Joaquim José Neto
Orientador e Coordenador do Curso

FOLHA DE APROVAÇÃO

O presente trabalho monográfico:

AMADOS POR DEUS PODEMOS AMAR

O AMOR SEGUNDO SANTO AGOSTINHO

elaborado pela acadêmica ROSILENE PATRÍCIA BESSA, foi apresentado aos 26 de janeiro de 2007, obtendo a nota 9,5

Rubiataba, 26 de janeiro de 2007.



Prof. José Geraldo da Trindade



Profª Helena de Fátima Araújo



Ms. Pe. Joaquim José Neto
Orientador e Coordenador do Curso

FICHA CATALOGRÁFICA

Bessa, Rosilene Patrícia

Amados por Deus podemos amar: o amor segundo Santo Agostinho / Rosilene Patrícia Bessa – Rubiataba - GO: FACER, 2006.

p.

Orientador: Joaquim José Neto (Mestre)

Monografia (Graduação em Filosofia)

Bibliografia.

1. Amor 2. Ser - Ontologia 3. Filosofia da Religião I. Bessa, Rosilene Patrícia. II. Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba. III. Título.

CDU 111.1

Elaborada pela Bibliotecária Célia Romano do Amaral Mariano CRB1/1528

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA



ROSILENE PATRÍCIA BESSA

**AMADOS POR DEUS PODEMOS AMAR
O AMOR SEGUNDO SANTO AGOSTINHO**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, como requisito para conclusão do Curso de Filosofia, Licenciatura Plena, sob orientação do Prof. Ms. Pe. Joaquim José Neto.

30636
soori

Tombo nº	12709
Classif.:	221.1
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	22-3-07

RUBIATABA – GO

2007

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

ROSILENE PATRÍCIA BESSA

AMADOS POR DEUS PODEMOS AMAR
O AMOR SEGUNDO SANTO AGOSTINHO

RUBIATABA – GO

2007